

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIVERSITARIA DE PARANAIBA**

Mauricio Augusto Freitas Paula de Souza

O Demônio e suas representações: etnografia em uma comunidade evangélica de
Paranaíba/MS.

**PARANAÍBA/MS
2017**

Mauricio Augusto Freitas Paula de Souza

O Demônio e suas representações: etnografia em uma comunidade evangélica de Paranaíba/MS.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para licenciatura do curso de Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Pícaro Carlos.

PARANAÍBA/MS
2017

S716d Souza, Mauricio Augusto Freitas Paula de

O demônio e suas representações: etnografia em uma comunidade evangélica de Paranaíba/MS/ Mauricio Augusto Freitas Paula de Souza. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2017.

48f.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Pícaro Carlos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1. Religião. 2. Etnografia. 3. Demônio. I. Souza, Mauricio Augusto Freitas Paula de. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Curso de Ciências Sociais. III. Título.

CDD – 306.981

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

Mauricio Augusto Freitas Paula de Souza

O Demônio e suas representações: etnografia em uma comunidade evangélica de
Paranaíba/MS.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-
UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para licenciatura do
curso de Ciências Sociais.

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a):

Prof. Dr. Daniel Pícaro Carlos

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof. Jemerson Quirino de Almeida

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof. (a) Maria Raquel da Cruz Duran

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

AGRADECIMENTOS

É com uma grande satisfação que agradeço a todos que comigo fizeram parte desta jornada, do maternal até os dias de hoje. Claro que alguns lugares e pessoas marcam a nossa história, entre essas pessoas gostaria de agradecer a cada professor, junto com o carinho e a afetividade que recebi estudando na Escola Estadual Ermírio Leal Garcia. Com isso marcaram minha história e a todos os que me acompanharam durante a graduação. Também gostaria de agradecer aos funcionários desta unidade.

À minha mãe Elis Regina Reis de Freitas (*in memoriam*) que, com o pouco tempo de convivência, se tornou a minha maior divindade. Em sua completude e singularidade, serviu e serve de base como motivação para meu viver. Reconheço os valores por ela transmitidos como essência para minha vida e personalidade.

Às minhas irmãs, que são minhas melhores amigas, minhas princesas, a elas declaro todo meu amor e admiração; Maria Eduarda, Silvia Fernanda e Elisa Paula.

Ao meu companheiro, Carlos Alexandre, que me pegou pela mão e orientou, passo a passo, os meios para estar onde estou, etapa final desta graduação. De igual forma, agradeço ter plantado a semente que me nutriu até aqui. Tenho pelo mesmo uma enorme admiração, pelo caráter, dedicação e companheirismo.

Às minhas amigas, que suportam meu humor ácido, carregado de ironia: tenho por vocês grande respeito e carinho.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Daniel Pícaro Carlos: para além de ser um exímio profissional, carrega consigo uma enorme humildade e respeito para com todos os discentes. Agradeço pelo apoio nos momentos difíceis e por mostrar que sou capaz de realizar uma pesquisa. Obrigado por acreditar em mim e no meu trabalho.

RESUMO

Os apontamentos do presente trabalho resultam de estudos teóricos e pesquisa de campo no que tange a área da religião. O trabalho proposto busca analisar a figura do Demônio em uma comunidade evangélica no estado de Mato Grosso do Sul – MS, na cidade de Paranaíba. A partir de uma metodologia etnográfica, realizada no ano de 2016, busca-se compreender o papel do Demônio na coletividade em questão. Os resultados demonstram que a figura do Demônio tem a capacidade de disciplinar corpos, socializar sujeitos e conferir significado à vida

Palavras-Chave: Religião. Etnografia. Demônio.

ABSTRACT

The assumptions of the current work result from theoretical studies and field research in the area of religion. The proposed work seeks to analyze the figure of the Devil in an evangelical community in the state of Mato Grosso do Sul - MS, in the city of Paranaíba. Based on an ethnographic methodology, carried out in the year 2016, the aim is to understand the role of the Devil in the community in question. The results demonstrate that the figure of the Devil has the ability to discipline bodies, socialize subjects and give meaning to life.

Keywords: Religion. Ethnography. Devil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O TRABALHO ETNOGRÁFICO	14
1.1 Histórias cruzadas.....	17
1.2 Da presunção à política ao avivamento do Demônio: Uma breve história.....	19
2 O PROCEDIMENTO DO TRABALHO DE CAMPO	22
2.1 Uma perspectiva freudiana sobre a Religião	25
2.2 Durkheim e o fator religião	29
3 Uma breve noção a respeito do Diabo	37
3.1 O Mafarrico no Campo, sua manifestação	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

Nesta nota introdutória e em especial nos parágrafos abaixo, é abordado um assunto de foro íntimo que culminou no *insight* que será apresentado mais adiante. Para isso peço ao leitor, que entenda a motivação de se escolher a temática apresentada como centro deste trabalho.

Ao fundo, por debaixo da letra e da fórmula desta monografia, do tema e do campo, o objeto desse estudo contempla a exorcização de um demônio que habita nomeu corpo enquanto ser humano. Fazendo uso do conhecimento científico, em especial de um trabalho etnográfico, foi possível despir-me de meus pré-conceitos para então observar a constituição do seio familiar fomentado por uma ideologia protestante.

Ocorre que o estudante que aqui escreve, em especial quando se tem a entrada na graduação, tem posicionamentos e críticas à conduta e à visão de mundo que esta base religiosa fornece¹.

A escolha de determinada igreja evangélica teve como objetivo o conhecimento do contexto sob uma perspectiva etnográfica, buscando uma expansão da visão, bem como da lógica operante nesta comunidade, rompendo a zona de familiaridade que se tinha sobre este local, baseada no senso comum.

No contexto familiar, considerando a orientação religiosa como fator que organiza a conduta humana, havia uma luta simbólica, onde o Demônio era representado por este graduando, que estaria fora do mundo familiar e mergulhado em um mundo profano, devido à sua orientação sexual.

Neste cenário, homossexualidade era a primeira instância e criação do próprio Demônio, dada a doutrinação religiosa dos demais membros.

Neste sentido, o demônio em si opõe-se ao regime de conduta ou código moral, e é “[...] aquilo que é colocado à parte, como além do mundano, é considerado, inevitavelmente, como tendo implicações de grande alcance para a orientação da conduta humana” (GEERTZ, 1978, p. 93).

Desta feita, objetivou-se realizar a etnografia neste campo ora proposto, para conhecer as pessoas, o objeto de seus pensamentos, suas aspirações, medos, forma(s) de organização, celebrações: em síntese, ter conhecimento para, com isso, saber respeitá-las.

¹ O objetivo desta narrativa não é criar categorias de inferiorização.

Por fim, acabei por fazer no formato de um trabalho de conclusão, uma espécie de “terapia”, não como *“tratamento de doentes”* — pois de doente nada se tem a homossexualidade —mas sim no sentido de exorcismo, de se perdoar e esquecer-se do passado, para com isso, vivenciar o conteúdo do presente, alimentando um cenário mais ensolarado da vida.

Tratou-se de dialogar com o conceito de “ostra feliz”, de Rubem Alves (2008):

Ostra feliz não faz pérola”. A ostra, para fazer uma pérola, precisa ter dentro de si um grão de areia que a faça sofrer. Sofrendo, a ostra diz para si mesmo: “Preciso envolver essa areia pontuda que me machuca com uma esfera lisa que lhe tire as pontas...” Ostras felizes não fazem pérolas... Pessoas felizes não sentem a necessidade de criar. A ato criador, seja na ciência ou na arte, surge sempre de uma dor. Não é preciso que seja uma dor doída... Por vezes a dor aparece como aquela coceira que tem o nome de curiosidade. Este livro está cheio de areias pontudas que me machucaram. Para me livrar da dor, escrevi (p. 11).

O estímulo para escrever este trabalho teve início com a homologação da bolsa monitoria, na disciplina de Antropologia II, período noturno, do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Paranaíba. Na condição de aluno monitor da referida disciplina, foi possível realizar diversas atividades junto aos discentes, sob a orientação do Professor Daniel Pícaro Carlos.

Por meio de um trabalho de cunho etnográfico, programado e aplicado no decorrer do ano de dois mil e dezesseis (2016), cada aluno adotava uma temática livre, para ser o objeto de seu estudo. Alguns se voltaram para a área da saúde, estudando locais específicos como postos de saúde e hospitais e outros se direcionavam para escolas, igrejas, dentre outros.

O tema sobre o qual me debrucei foi o religioso. Observa-se, antes, que para não se criar um campo de pesquisa artificial, nas palavras do célebre antropólogo Malinowski (1978), deve-se investigar rigorosamente a cultura local “nativa” *na totalidade de seus aspectos*: “O etnógrafo de campo deve analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da cultura tribal sem privilegiar aqueles que lhe causem admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros” (MALINOWSKI, 1978, p. 26).

Em outras palavras, “O etnógrafo que se propõe estudar apenas a religião [...] estabelece um campo de pesquisa artificial e acaba por prejudicar seriamente seu trabalho” (MALINOWSKI, 1978, p. 24).

No campo etnográfico, mesmo tendo como foco a religião, foi preciso ir além da manifestação religiosa em si, ou seja, os ritos, os modos de ação dos cultos e sua organização.

Por trás da aparente manifestação, apresentou-se um emaranhado de significações subjetivas para os membros da comunidade.

Observando o aspecto econômico, por exemplo, a relação de fiéis com a ética do trabalho e o compromisso com o dízimo, e como igreja reforça certa harmonia grupal. Por meio da cobrança financeira obtém, benefícios e projetos futuros. Alimenta, para além de novas organizações internas da igreja, como a venda de rifas e festas, a promoção de galinhadas, entre outras partes e garante uma coesão interna do grupo, cobrando-se mutuamente em relação à participação e à venda, fomentando maior solidariedade dentre indivíduos.

Foi definido como campo de estudo uma igreja evangélica de denominação pentecostal, com sede na capital do estado de Mato Grosso do Sul, Campo Grande. A Igreja Assembleia de Deus Mato Grosso do Sul (IEADMS) ramificou-se por todo estado de Mato Grosso do Sul.

Escolhi uma de suas unidades para acompanhar seus rituais de celebração na cidade onde nasci e na qual estou em processo de formação para tornar-me um cientista social.

Paranaíba faz divisa territorial com os estados de Minas Gerais e Goiás, e está localizada na região centro oeste do Brasil, com predominância do cerrado como bioma, com uma perspectiva populacional estimada, para o ano de 2017, de acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - de quarenta e um mil e setecentas e cinquenta e cinco pessoas (41.755).

Sua base econômica é centrada na pecuária e no comércio. Recentemente foi organizado um parque industrial na cidade, com destaque para as indústrias de calçados, fabricação de portas e janelas de aço, equipamentos para academias e construção.

Na área da educação, em relação ao ensino superior, a cidade conta com duas universidades públicas: a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS e a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS. Conta ainda com duas universidades particulares: a Universidade Norte do Paraná - UNOPAR (ensino à distância) e a Faculdades Integradas de Paranaíba – FIPAR (ensino presencial).

A inquietude da pesquisa encontrou escopo no meio social da cidade de Paranaíba – MS, que detém grandioso número de designações de igrejas evangélicas. Constatou-se ainda que na mesma região da Igreja que é campo de estudo desta etnografia, existem outras seis igrejas, mais precisamente no raio de 400 metros.

Dentre as identificadas, temos: A Igreja Pentecostal Jesus o Pão da Vida antes de ser uma igreja era um boteco; Assembléia de Deus Ministério de Vila Bela, anteriormente uma loja de roupas; Igreja Missionaria encontro com Deus - IMED; Igreja Nossa Senhora de Aparecida (a única Igreja Católica no bairro); Igreja Evangélica Tempo do Renovo, anteriormente um minimercado e Igreja Deus é Amor, anteriormente um pet-shop.

Todas essas igrejas, com porte e públicos similares, pequenos, encontram-se no bairro Jardim América, um bairro simples formado por um grande conjunto de habitações populares, conhecida também por COHAB.

O perfil de seus frequentadores classifica-se como socioeconomicamente de baixa renda, pessoas mais velhas, com uma escolarização precária. Percebe-se que estas igrejas estão substituindo os pequenos comércios deste local. Mas fora deste bairro a cidade é toda ocupada com um imenso número de outras igrejas evangélicas,

Considera-se também que há precariedade na oferta de lazer e entretenimento para a população local. Não há atrativo cultural, com exceção de duas grandes festividades: o carnaval e o aniversário da cidade, onde se tem uma exposição agropecuária, rodeio, shows e um parque de diversões.

Este é um estudo descritivo e qualitativo. Em um primeiro momento é realizada revisão bibliográfica abordando dois grandes pensadores: Freud e Durkheim, com a exposição das obras: “O Futuro de uma Ilusão”, de 1927, e “As Formas Elementares da Vida Religiosa”, de 1912, respectivamente. Da análise bibliográfica, buscar-se-á o pensamento de cada autor sobre o que é uma religião, quais são suas características e qual a sua função.

O estudo etnográfico foi aprofundado com base em dois célebres antropólogos: de Clifford Geertz (1978) em “A interpretação das culturas”, em especial o cap. I, “Descrição Densa”, e “A invenção da cultura”, de 2010, com foco no primeiro capítulo, “A presunção da cultura”, de Roy Wagner. Nessas obras trabalhou-se a questão do método etnográfico em campo, incursão e tratamento com os dados e com os “nativos”. O tratamento dos dados obtidos será feito por meio de todo o referencial teórico exposto acima.

1 O TRABALHO ETNOGRÁFICO

O trabalho etnográfico foi vivenciado no período de 31 de julho de 2016 a 23 de novembro de 2016, distribuído em um total de oito encontros celebrações e cultos.

A iniciação ao campo se observa do seguinte modo: “Suponhamos, que você seja apenas um principiante, sem nenhuma experiência, sem roteiro e sem ninguém que o possa ajudar” (MALINOWSKI, 1978, p. 19). Ao contrário do que aconteceu com Malinowski, aqui o homem branco está o tempo todo presente, mas continua a não querer perder tempo com o forasteiro. O primeiro contato foi reservado para ser realização de uma descrição pormenorizada, ou uma análise da estrutura geral.

Uma igreja evangélica, em um bairro tranquilo, muito simplória em seu tamanho, bem iluminada, com quatro ventiladores, três caixas de som, iluminação de emergência, dois bancos de madeira no fundo da igreja (um de cada lado), relógio de parede, piso de cor azul escuro, parede com de cor branca na parte superior e marfim na parte de baixo, com cinquenta e três cadeiras plásticas de cor branca, seis janelas, altar com um púlpito, aparelho de som, dois vasos de plantas e cinco cadeiras de escritório.

O campo é dividido por grupos, porém a divisão que logo mais será apresentada é mais particular e específica, impossibilitando que o membro de um conjunto se misture com o outro: cada conjunto tem seu lugar delimitado por uma placa fixada na parede. A comunidade é regida e chefiada por um casal de pastores. Um jovem do conjunto Fonte de Água Viva disse-me que a pastora fala hebraico e tem várias faculdades, enaltecendo-a ao saber que estou em uma graduação.

Abaixo do púlpito havia uma mesa de madeira. No centro, uma caixa também de madeira trancada com cadeado. Na caixa, os pedidos de oração. Nos dias de Ciclo de Oração a caixa é trancada e a pastora abençoa os pedidos que são ali depositados. Na mesa encontra-se um vaso de flores, nas cores branca e laranja, o que dá um toque de vida ao altar.

No fundo da igreja, do lado direito, há um pequeno mural de recados contendo um calendário referente às datas festivas da comunidade, inclusive de outras igrejas da mesma denominação em outras cidades.

Na lateral, ao lado esquerdo, há uma porta que dá acesso a dois banheiros não separados por sexo e uma área de lazer que, de acordo com a pastora, é reservado para os eventos da igreja. Ao lado destes banheiros encontra-se uma minicozinha com uma geladeira

vermelha, uma pia de granito, uma mesa média e um fogão industrial de duas bocas. A igreja não tem muros e é toda cercada com grades. Sua entrada conta com portão de correr.

As experiências vividas variaram conforme as temáticas dos cultos observados, sendo estas voltadas para a Santa Ceia, Cura e Libertação, e Ciclo de Oração. Abaixo segue um excerto do segundo contato com o campo, em que me preparo para observar aquela comunidade:

Hoje é o dia, não qualquer dia, mas um dia bem propício para zelar pelo ócio, pois esta semana foi chuvosa e se intensificou no sábado, resultando em um domingo nostálgico, frio e cinzento. Neste momento tem-se o preparo, para daqui a algumas horas fazer parte da comunidade aonde está se realizando a etnografia, este preparo é estético e mental. Vestir-se adequadamente ao ambiente, calça jeans, tênis, e uma camisa sem estampa com barba feita. Na parte mental a mais complexa diz respeito a entender e viver a alteridade, não como um dogma “Amai-vos uns aos outros” mas sim reconhecer a diferença entre os dois mundos -uma vez que pertença a uma outra filosofia religiosa, o catolicismo- que se cruzam no momento em que piso no campo de estudo, reconhecendo em meu objeto humanidade, pois são realizações, aspirações e desejos humanos manifestados por meio de um ritual simbólico, reconhecendo as diferenças e não as “amando”, no sentido figurado ocidentalizado, mas sim as respeitando.

A preparação segue as recomendações de “se fazer” etnografia:

Eis a mais simples, mais básica e mais importante das considerações a fazer: o antropólogo não pode simplesmente "aprender" uma nova cultura e situá-la ao lado daquela que ele já conhece; deve antes "assumi-la" de modo a experimentar uma transformação de seu próprio universo. Da perspectiva do trabalho de campo, "virar nativo" é tão inútil quanto permanecer no aeroporto ou no hotel fabricando histórias sobre os nativos: em nenhum dos casos haverá qualquer possibilidade de uma significativa relação (e invenção) de culturas.[...] (WAGNER, 2010, p. 37)

Roy Wagner (2010) em “A invenção da cultura”, relata os dilemas enfrentados na empreitada de incursão a campo. Em minha experiência, mesmo pertencendo à mesma cultura deste grupo, falando sua língua, ao adentrar dentro de seu espaço, os olhos das pessoas acusavam que eu não pertencia àquele lugar, algo inscrito em meu corpo, no modo como me sentava, nas roupas que eu usava e até em meu cumprimento. À resposta de uma senhora ao desejar-me “A Paz do Senhor”, respondi-lhe, por questão de costume, “A Paz de Cristo”. Tal reação gerou um certo desconforto e a gafe foi percebida pouco tempo depois.

Como o autor bem pontua, existe um desconforto inicial dos nativos em relação ao forasteiro. Em meu caso, quando a pastora anunciou a qual grupo eu fazia parte, a ciência, criaram-se campos de disputa.

Outra colocação presente é a que a vida íntima de um pequeno grupo é muito maior do que o investigador presume. Dentro desta igreja, na medida que se avançava a observação,

foi possível visualizar a existência de pequenos conjuntos divididos em grupos separados no interior da própria igreja, cada qual com sua articulação interna, em relação as partes destes em participar da celebração, com orações e músicas próprias, separados por faixas etárias e gênero, como no caso do conjunto Torre de Marfim.

Sobre a divisão interna desta comunidade, têm-se três grupos. Na parte da frente da igreja ficam invertidas as cadeiras no sentido horizontal, onde fica o conjunto “Torre de Marfim”. Na frente do lado direito fica o conjunto “Fonte de Água Viva”: são os jovens da igreja. Há, ainda, os “Cordeirinhos de Jesus” são para as crianças e as pessoas que não fazem parte dos outros conjuntos e no qual me enquadrei, são chamadas de visitante. Os nomes dos conjuntos ficam pregados na parede, perto dos assentos de cada grupo e os significados destas nomenclaturas diz respeito a passagens retiradas da bíblia.

As irmãs disseram que os nomes dos conjuntos são uma iluminação de Deus, quando as mesmas estão orando. A nomenclatura “Torre de Marfim”, por exemplo, é visto no campo como um nome forte, porque são as irmãs do ciclo de oração que fazem parte, e elas são consideradas a coluna da Igreja, pelo fato das mesmas orarem para a Igreja se manter de pé. Já a nomenclatura “Fonte de Água Viva” significa que quem bebe da água de Jesus nunca mais tem sede, e esta água é representada pela palavra na bíblia.

Ao me aproximar do conjunto Torre de Marfim, no qual faziam parte só as mulheres mais velhas do grupo, a abertura dada foi insuficiente, conseguindo empatia e amizade substancial apenas com a senhora que fica na porta recepcionando os irmãos. Esta era a mais simples, acolhia-me com um abraço quente e maternal à medida que os demais se voltavam para praticar a boa educação, “A Paz do Senhor”.

Ao fazer a incursão, a maior dificuldade se deu em estabelecer uma relação de troca com os indivíduos presentes no campo, mais precisamente no que diz respeito à comunicação.

Uma análise subjetiva foi ver a existência de um fato de grande importância para a compreensão da união e da manifestação contínua deste grupo nos cultos, que é a abertura que todos têm no momento para expressar sua fé, por meio dos louvores e dos cânticos, seja em seus conjuntos ou sozinhos com os testemunhos.

A experiência deste trabalho, de fazer este movimento de estar entre eles, foi uma via de mão dupla. Por um lado, a tentativa de diálogo e participação das celebrações com as pessoas, foi compreendido como manifestação do espírito do grupo. Por outro lado, resultou em uma dualidade interna, uma vez que este campo como mencionado, se difere de minha orientação religiosa.

Desta forma, em campo, duas realidades existentes foram constantemente contrapostas: uma nova, o campo, e outra, interiorizada desde criança. Comparando-as, em suas diferenças ou igualdades, algumas coisas se modificaram em relação à minha orientação nos cultos que pratico frente ao que estava sendo observado.

A interação, neste pequeno grupo de trinta pessoas é maior e mais consistente, do que no domingo à noite com um grupo de 100 pessoas. Contudo, algumas coisas permanecem semelhantes em ambos.

Roy Wagner (2010, p.37) assim nos direciona:

A cultura é tornada visível pelo choque cultural, pelo ato de submeter-se a situações que excedem a competência interpessoal ordinária e de objetificar a discrepância como uma entidade - ela é delineada por meio de uma concretização inventiva dessa entidade após a experiência inicial...Uma vez que a concretização ocorre, o pesquisador adquire uma consciência intensificada dos tipos de diferenças e similaridades implicadas pelo termo "cultura" e começa a usá-lo cada vez mais como um constructo explanatório. Ele começa a ver seu próprio modo de vida em nítido relevo contra o pano de fundo das outras ("culturas" que conhece, e pode tentar conscientemente objetificá-lo (por mais que esse modo de vida esteja "ali", por implicação ao menos, nas analogias que ele já criou). Assim, a invenção das culturas, e da cultura em geral, muitas vezes começa com a invenção de uma cultura particular, e esta, por força do processo de invenção, ao mesmo tempo é e não é a própria cultura do inventor. (WAGNER, 2010, p. 37)

O objetivo inicial desta etnografia, estava voltado à construção da monografia. Tinha-se em mente fazer uma leitura de como este grupo constrói suas redes institucionais com o Estado. O contexto em que tomei essa decisão era objetivado em descobrir se os mesmos compactuavam com os posicionamentos dos representantes políticos, denominado no senso comum de "A Bancada Evangélica", seja no senado ou câmara dos deputados. Com o tempo, delineou-se a configuração do Demônio hoje, conforme descrito a seguir.

1.1 HISTÓRIAS CRUZADAS

O campo Igreja Assembleia de Deus Mato Grosso do Sul, fora conhecido por meio de um amigo de infância que pertencia a esta comunidade. Finalizando a etnografia e completamente frustrado pelo fato de ter feito com cuidado todas as visitas e concluído que o campo nada havia dito sobre o assunto que era procurado — a interação dos agentes com o Estado — um completo desnorтеio instaurou-se no pesquisador.

Em uma locadora de filmes em que este graduando faz alguns bicos aos finais de semana, um frequentador chamado Wallace, que é pastor de uma igreja evangélica, levantou (indiretamente) outra hipótese de pesquisa. Em um determinado final de semana o abordei no ambiente comercial para explicar-lhe o projeto.

O pastor ficou entusiasmado, querendo converter-me, dizendo que a porta da igreja estava aberta. A princípio o questionei a respeito da possibilidade de pesquisa em um projeto que é desenvolvido na igreja voltado a recuperar dependentes químicos, ao tirá-los da rua e do vício por meio da palavra do Senhor.

Ficou combinado de nos encontramos para uma conversa informal e exposição do objetivo da pesquisa, qual seja, o questionamento relacionado aos membros de uma comunidade evangélica com os seus representantes. Após quatro semanas visitei uma barbearia em que o pastor também trabalha.

Aproveitando do ambiente, solicitei um corte de cabelo. Conforme o corte ia progredindo o pastor se desculpou, dizendo que não poderia mais ajudar-me com o trabalho de campo, justificando que não iria trabalhar naquele dia porque estava esperando a resposta de um convite para ministrar em uma igreja fora da cidade, em São José do Rio Preto, no estado de São Paulo.

Em determinado momento da conversa foi revelado que com uma igreja maior, ou seja, com um público maior, ele teria a oportunidade de um aprendizado diferente. De acordo com o pastor ele não me deixaria “na mão”. Números de telefones foram trocados e a promessa do contato com um casal de pastores, Sonia Borges e Wagner Borges, da Igreja Presbiteriana Renovada de Paranaíba, foi prometido.

Seria feita a migração para este novo campo, porém o tempo passou e o pastor foi até o comércio locar um determinado filme e não tocou no assunto outrora apresentado, relacionado à pesquisa. Com o passar dos dias, tomei conhecimento que o pastor aceitou o convite de ministrar em uma igreja localizada em outra cidade e se mudou, “deixando-me na mão”.

Em uma quarta-feira à noite, depois de sair do trabalho e antes de ir para a aula - novamente monitoria, em 2017 - decidi, sozinho, conversar com o casal de pastores.

Encontrada a Igreja - que segue o modelo das demais, pequena e compacta - um círculo de oração estava em andamento. Chamei o pastor e sucintamente narrei do que se tratava. Foi ofertado o convite para prestigiar o círculo e, uma vez finalizado, seria aberto o espaço para exposição desta visita.

Estavam presentes seis pessoas, dentre elas uma criança e duas senhoras, organizadas no formato de um círculo. A dinâmica consistia na leitura de uma parte da bíblia, comentários dos pastores e participação dos presentes.

A criança, bastante questionadora, chamava a atenção quando os assuntos eram tratados. Perguntava o que levava uma pessoa a cometer suicídio, o que Deus achava, para onde ela ia e porque o Diabo é ruim, uma vez que as passagens falavam sobre morte, perdão e suicídio.

Desfeita a roda e caminhando-se para o fim do Ciclo de Oração, foi feita uma oração individual pela pastora Sonia, que enquanto abençoava-me com sua oração, questionava sobre a intenção da visita, obtendo como resposta frequentar a igreja para fazer um trabalho de campo.

Ambos os pastores concordaram em abrir este campo para o estudo e se dispuseram a ajudar. Falaram a respeito de suas profissões, dizendo que os dois eram graduados. Ela em pedagogia, lecionando em uma escola particular do município e ele terminando pós-graduação em teologia, com pesquisa voltada para a nova corrente dentro do protestantismo: “os neopentecostais”.

1.2 DA PRESUNÇÃO À POLÍTICA AO AVIVAMENTO DO DEMÔNIO: UMA BREVE HISTÓRIA

Na medida em que se realizava o acompanhamento das celebrações, como os cultos em si - os dias da semana eram relacionados ao Culto de Cura e Libertação e os Domingos à Santa Ceia do Senhor e havia, ainda, o Ciclo de Oração que foi presenciado na Igreja Presbiteriana Renovada de Paranaíba, foi-se revelando um fato que chamava a atenção e que não estava cristalino em meus pré-conceitos.

Em quase toda pregação, palavra ou testemunho, havia a existência de um agente causador do mal, uma figura que fazia os participantes da igreja “agirem corretamente” por receio e medo da figura nomeada de satanás, diabo, maligno, tinoso, demônio, sete peles, entre outros.

A presença deste agente “negativo”, era apresentado para a criança de maneira didática, contudo, pelo mecanismo do medo, no referido ciclo de oração.

Foi então que ocorreu-me o *insight*, manifestado neste trabalho: mudar o foco da pesquisa relacionado à política para o avivamento do demônio. Observando o próprio

significado da palavra “avivamento”, torna-se o demônio mais vivo, Dar vivacidade a; Tornar mais vivo; Fazer reviver, renovar; Ornar com vivos; Animar.

Manifestava-se um lado não perceptível à primeira vista, que é a presença ativa do demônio, no culto e na vida dos membros deste grupo. Como um agente potencializador para a fé, percorrendo o caminho do bem em relação ao medo de ser punido, mostra-se o maligno objeto de pesquisa.

Segundo Roy Wagner (2010, p.29), “uma ‘antropologia’ que jamais ultrapasse os limites de suas próprias convenções, que desdenhe investir sua imaginação num mundo de experiência, sempre haverá de permanecer mais uma ideologia que uma ciência”.

Pode-se entender que, na medida em que o antropólogo investiga uma determinada cultura, já o faz traçando mecanismos para relacioná-la com a sua própria cultura, ou seja, estudando-a e, ao mesmo tempo, relacionando-a com a sua própria no sentido de construir uma tradução imediata, com o objetivo de ser entendido facilmente pelos membros de sua cultura, não experienciando fenômenos relacionados à outra cultura.

Estando preso aos acordos derivados das convenções antropológicas de sua disciplina e se menospreza a abertura imaginativa em um mundo de experiências, pode passar o observador a negligenciar o fenômeno relevante de seu objeto pela aparente surrealidade? Acaba sendo classificada a disciplina como aquilo que seria ideal e não a um conhecimento aprofundado de algo: mais ideologia que ciência.

Olhar as dimensões simbólicas da ação social- arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum- não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não emocionalizadas; é mergulhar no meio delas. A vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram- apascentando outros carneiros em outros vales – e assim incluí-las no registro de consulta sobre o que o homem falou. [...] (GEERTZ, 1978 p. 21)

Assim, apresento este objeto que, à luz dos olhos de outros (e até mesmo de companheiros de graduação), causou estranheza e resultou aprioristicamente em deboche por conta de uma visão desconhecida desta comunidade e do próprio objeto em si.

Uma vez que analisamos a realidade por meio de categorias dos ambientes histórico, social, cultural e econômico em que fomos criados, há que se atentar para a grandiosidade da manifestação do espírito humano e reconhecer a infinidade de possibilidades que o mesmo oferece para ser estudado.

Destarte, arriscando e não menosprezando a abertura imaginativa em um mundo de experiências, foi elencado este objeto como tema de trabalho, a representação do Demônio por meio de uma pesquisa etnográfica em comunidade evangélica de Paranaíba/MS. Como dirá Geertz:

Isso é apenas para demonstrar em que consiste um tipo de interpretação antropológica: traçar a curva de um discurso social; fixá-lo numa forma inspecionável. (GEERTZ, 1978, p. 13)

2 O PROCEDIMENTO DO TRABALHO DE CAMPO

Segundo Geertz (1978, p. 5), algumas pessoas ficam “bitoladas” com novas ideias, procurando a chave para o universo, o apego repentino por uma nova ideia, com a pretensão de resolver e explicar todos os problemas ao mesmo tempo.

Uma teoria explica alguma coisa. Contudo, sua aplicabilidade não é universal. Os tempos mudam, as teorias são criticadas, reformuladas e adaptadas a contextos diferentes de sua origem. Assim acontece em todas as áreas do conhecimento.

Porém diferentemente das Ciências da Natureza, como Física, Química e Biologia, que têm conhecimento cumulativo, nas Ciências Humanas, como Sociologia e Antropologia, o conhecimento está sempre em estado de tese, antítese e síntese, ou seja, construção, desconstrução e recriação.

Esta outra forma de se fazer ciência não é algo ruim. Pelo contrário, significa dizer que o meio está se transformando e, deste fato surge a necessidade de se procurar estudar esta transformação, ampliando o conhecimento sobre o homem e o seu ambiente.

Para se compreender o que é ciência deve-se olhar para o que os praticantes desta ciência fazem.

Em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Devemos frisar, no entanto, que essa não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa". (GEERTZ, 1978, p. 4)

A etnografia é uma descrição densa. Nossos dados são mensurados a partir de nossa compreensão do objeto em campo. O trabalho e sua análise consiste em escolher uma estrutura de significados e determinar sua base social e sua importância nas palavras do autor: é “Decifrar um código”. Isso demanda tempo, como diz Roy Wagner:

[...] A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas e não uma descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento de sua paisagem incorpórea. [...] [...] Assim, há três características da descrição etnográfica: ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o "dito" num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se em formas pesquisáveis. O kula desapareceu ou foi alterado, mas, de qualquer forma. Os Argonautas do Pacífico Ocidental continuam a existir. Há ainda, em aditamento, uma quarta característica de tal

descrição, pelo menos como eu a pratico: ela é microscópica. [...] (GEERTZ, 1978 p. 14 15)

Roy Wagner (2010) em “A invenção da cultura”, em específico no primeiro capítulo, “A presunção da cultura”, inicia-se dizendo que a antropologia é o estudo do fenômeno humano, sua singularidade particular e manifestação de um modo geral. Sendo assim, foi definida o uso de uma palavra para descrever este processo do fenômeno humano: “cultura”.

A cultura apresenta-se em dois lados. De um lado quando se refere à “cultura humana”, compreendendo o processo do fenômeno humano em um sentido mais amplo. De outro lado, quando a referência é um fenômeno particular, de histórias e condições georreferenciais delimitadas.

“Assim, a cultura se tornou uma maneira de falar sobre o homem e sobre casos particulares do homem, quando visto sob uma determinada perspectiva” (WAGNER, 2010, p. 27).

Pode-se compreender que a antropologia é uma ciência peculiar, pois estuda o homem em seu estrato, do mais simples ao mais amplo, usando a cultura para compreender sua unidade única de manifestação cultural e também as multiplicidades deste fenômeno:

A perspectiva do antropólogo é especialmente grandiosa e de longo alcance, pois o fenômeno do homem implica uma comparação com os outros fenômenos do universo: com sociedades animais e espécies vivas, com os fatos que dizem respeito à vida, à matéria, ao espaço e assim por diante. Em seu sentido mais amplo, o termo "cultura" também procura reduzir as ações e propósitos humanos ao nível de significância mais básico, a fim de examiná-los em termos universais para tentar compreendê-los. (WAGNER, 2010, p. 27-28).

O conceito de cultura deve ser coerente e ter um argumento definido a propor:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portando, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões enigmáticas na sua superfície. (GEERTZ, 1978, p. 4).

O antropólogo ou investigador se coloca em uma relação de equivalência com o objeto de estudo: ele não tem saída, senão a incluir a si e as suas experiências vividas no objeto a ser estudado, ou seja, o antropólogo vivencia as duas culturas simultaneamente. Nesta pesquisa, vivencio a minha própria cultura e a do objeto, a religião evangélica. Estuda-se a própria cultura e a do objeto, a “outra”, para depois compreender o todo.

Contudo, o pesquisador/antropólogo enquanto cientista tende a despir-se da abordagem do racionalismo absoluto, aderindo a uma objetividade relativa, tendo como base

as especificidades de sua cultura. O investigador prima pela imparcialidade em relação às suas suposições.

No entanto, no investigador estão inscritas suposições básicas de sua cultura - em meu caso, principalmente o fator religioso- e acaba-se por tê-la como orientação inconscientemente. Destarte, a objetividade relativa é o caminho pelo qual descobrimos o que nos leva a agir de determinado modo: é o jeito que nossa cultura fornece meios para entendermos outras.

Desse modo, a consciência da cultura gera uma importante qualificação dos objetivos e do ponto de vista do antropólogo como cientista: ele precisa renunciar à clássica pretensão racionalista de objetividade absoluta em favor de uma objetividade relativa, baseada nas características de sua própria cultura....A objetividade relativa pode ser alcançada descobrindo quais são essas tendências, as maneiras pelas quais nossa cultura nos permite compreender uma outra e as limitações que isso impõe a tal compreensão. A objetividade "absoluta" exigiria que o antropólogo não tivesse nenhum viés e portanto nenhuma cultura". (WAGNER, 2010, p.28)

A objetividade relativa se dá ao passo que o investigador está em igualdade com o seu objeto: cada um possui uma cultura, ambas têm suas manifestações peculiares e como não existe um método exato de definição e ordenamento das culturas, estão em seus estados mais puros. Por assim se classificarem como equivalentes uma às outras, denomina-se o fenômeno de "relatividade cultural".

Para além do fato de termos culturas religiosas distintas, os integrantes desta comunidade se relacionam de forma aversiva ao meio social em se tratando do mundo de forma geral: são coisas dessacralizadas, "coisas mundanas", ou seja, vivem em um mundo à parte. Eu, enquanto pesquisador vivo sou reconhecido enquanto "mundanizado", ou profano:

A peculiar situação do antropólogo em campo, participando simultaneamente de dois universos de significado e ação distintos, exige que ele se relacione com seus objetos de pesquisa como um "forasteiro" - tentando "aprender" e adentrar seu modo de vida - ao mesmo tempo em que se relaciona com sua própria cultura como uma espécie de "nativo" metafórico. (WAGNER, 2010, p. 38)

E, assim, se este investigador apresenta sua teoria de forma folclórica, fantasiosa, sem sentido, para os seus compatriotas a relação deste com o objeto se deu de forma desajustada no entendimento dos membros de sua cultura.

Contudo, não pode-se dizer que o pesquisador teve uma relação distorcida com o seu objeto. Trata-se de se observar que são culturas distintas e o que é representado em uma pode ser lido como exótica na outra. Não significa dizer que este investigador traduziu de maneira

errônea a manifestação de seu objeto, mas sim observar a relatividade entre as culturas e reconhecer que se tem uma lógica pela qual o objeto, seja qual for, opera.

2.1 UMA PERSPECTIVA FREUDIANA SOBRE A RELIGIÃO

A curiosidade por elencar este campo como objeto de pesquisa foi devido à leitura da obra “*O futuro de uma ilusão*”, publicado em 1927. Durante o grupo de leitura, núcleo de estudos da cultura ideológica e do poder NECIP, no qual se discutiu outras obras do mesmo autor, Freud procura analisar a origem da necessidade do ser humano de ter uma crença religiosa na sua vida.

Mesmo o autor respeitando o fenômeno religioso como manifestação cultural e manifestação de fé única em cada indivíduo, ele tenta desmontá-la enquanto forma de conhecimento do mundo, por considerá-la como a origem da alienação. Freud procura esclarecer e liberar o ser humano, no intuito de ajudá-lo na compreensão e na transformação para que ele não se torne submisso às opressões reais e imaginárias, dentro e fora de si.

Ao escrever sobre religião naquele contexto, Freud procura uma defesa para estabelecer a psicanálise enquanto campo de conhecimento que constrói uma concepção de aparelho psíquico que dá base e fornece uma nova terapia para o sofrimento da mente humana.

Nesta obra, o autor diz que no tocante às projeções futuras que os homens realizam o resultado de suas experiências vivenciadas é somado ao conhecimento já existente. Entretanto, “Quando menos um homem conhece a respeito do passado e do presente, mais inseguro terá de mostrar-se seu juízo sobre o futuro” (FREUD, 1927/1978, p.21).

Nesta trajetória de se indagar sobre as transformações do meio, e ao se posicionar frente a isso, encontram-se algumas barreiras e uma delas é que nem todos os indivíduos têm conhecimento da magnitude das atividades humanas. Outra advertência é o presente para o indivíduo, se tornando passado e com isso os sujeitos não vivenciam o seu conteúdo, objetivando criar pontos de referências, para tomar decisões sobre o futuro.

Destacam-se dois pontos, abordados por Freud: o primeiro diz respeito ao domínio das potências titânicas da natureza e sua expropriação para benefício próprio e o segundo à criação de normas para o convívio mútuo.

Estes dois aspectos são responsáveis pelo zelo da civilização, uma vez que o homem traz consigo paixões que irão contra a norma já estabelecida, se auto reprimindo para permanecer vivendo em sociedade e moldando com estes conceitos, uma “civilização” de modo a controlar o poder da natureza e criando leis de convivência para suportar o sofrimento do viver.

Segundo Freud (1927/1978, p.22), “todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização” (p. 22), tendo dentro de si tendências destrutivas, antissociais e anticulturais. Contudo, o indivíduo se vê obrigado a fazer um contrato para viver em sociedade, mas o valor cobrado para viver nesse ambiente é elevado, pois exige-se sacrifícios de todos os tipos. Sem essa renúncia das mais primitivas pulsões, como por exemplo, a vontade de matar seu semelhante, a civilização não existiria.

Deve-se defendê-la contra o indivíduo. Regulamentações, decretos, leis, agem para esta finalidade, pois a proteção contra o indivíduo, como base para sua proteção é a coerção. Ou seja, os homens são coagidos a trabalhar e a sacrificar seus impulsos para viver em sociedade.

Para que a rebeldia se torne uma anomia são oferecidas vantagens mentais com o objetivo de reconciliar o homem com a civilização. O seguinte conto demonstra como a civilização impôs um determinado sacrifício a uma das primitivas pulsões humanas:

As igrejas cristãs são responsáveis por haverem estragado um dos mais deliciosos brinquedos que Deus nos deu: o sexo. Primeiro ela estragou o brinquedo afirmando que o sexo era um artifício do demônio para a perdição das nossas almas. O que explica o voto de castidade imposto aos religiosos. Quem é religioso, quem ama a Deus, não brinca com brinquedos do demônio. Quem primeiro expressou essa teoria de forma sistemática foi santo Agostinho. Foi por meio do prazer sexual que o pecado entrou no mundo. O desejo sexual, segundo ele, era uma das evidências da desordem que o pecado provocou no corpo. Explicando as razões por que o homem fez para si mesmo uma tanga de folhas para cobrir a sua nudez, ele diz que foi por vergonha, para esconder um membro que se movimentava por vontade própria, contrariando os imperativos da razão. Sexo certo é sexo sem prazer, mas por dever. Para a reprodução. Para completar a população dos céus e dos infernos. Os órgãos sexuais, em especial o órgão masculino, deveriam se comportar como o dedo, que só se movimenta quando a razão manda, sem a interferência do desejo carnal e do prazer. Havendo fracassado essa tentativa de estragar os prazeres do brinquedo sexo, as igrejas inventaram um outro artifício: divinizaram-no. Sendo coisa divina, o sexo deixa de ser brinquedo para ser coisa séria. Transar, tudo bem. Desde que se cantem litanias enquanto se transa. (ALVES, 2008 p. 172)

De grosso modo, a civilização exige que certos impulsos não sejam praticados, como o canibalismo, incesto ou o homicídio. Ao mesmo tempo, a civilização oferece meios para que alguns impulsos sejam amenizados como, por exemplo, na literatura, com obras

retratando, o homicídio ou o canibalismo e, na atualidade, em diversos sítios pornográficos donde se tem uma grande quantidade de películas, voltadas à temática do incesto.

Em um exemplo da literatura relacionada ao campo, pode-se observar retratos que falam sobre a amenização de crimes mais conhecidos mundialmente: dos primeiros filhos de Adão e Eva, da morte de Abel pelas mãos de seu próprio irmão Caim — “Disse Caim a Abel, seu irmão: Vamos ao campo. Estando eles no campo, sucedeu que se levantou Caim contra Abel, seu irmão, e o matou” (GÊNESIS 4:8).

[...] sob forma de ideias e criações artísticas, isto é, as satisfações que podem ser derivadas dessas fontes[...]a arte oferece satisfações substitutivas para as mais antigas e mais profundamente sentidas renúncias culturais, e, por esse motivo, ela serve, como nenhuma outra coisa, para reconciliar o homem com os sacrifícios que tem de fazer em benefício da civilização. Por outro lado, as criações da arte elevam seus sentimentos de identificação, de que toda unidade cultural carece tanto, proporcionando uma ocasião para a partilha de experiências emocionais altamente valorizadas. (FREUD, 1927/1978, p. 30-31).

A natureza não obedece a cultura que o homem criou, com suas normatizações e ainda o surpreende com suas furiosas manifestações, *majestosas, cruéis e inexoráveis*, projetando sobre o homem sua total fragilidade, passando assim a dominá-lo pela sua completa instabilidade, já que isso perturba-o, uma vez que o homem quer gozar de segurança para viver em paz.

No decorrer do tempo, fizeram-se as primeiras observações de regularidade e conformidade à lei nos fenômenos naturais, e, com isso, as forças da natureza perderam seus traços humanos. O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs. (FREUD, 1927/1978, p. 36)

Então surgem os artifícios do intelecto humano para proteger-se, chamados pelo autor de “ideias religiosas”, que seriam “esta necessidade de defesa contra a força esmagadora superior da natureza” (FREUD, 1927/1978, p.37):

As idéias religiosas são ensinamentos e afirmações sobre fatos e condições da realidade externa (ou interna) que nos dizem algo que não descobrimos por nós mesmos e que reivindicam nossa crença. Visto nos fornecerem informações sobre o que é mais importante e interessante para nós na vida, elas são particular e altamente prezadas. (FREUD, 1927/1978, p. 45)

Estes artifícios, com o intuito de nos blindar, criaram a figura de um pai que irá proteger a eterna criança que habita em Deus, como descreve Freud:

Estas, proclamadas como ensinamentos, não constituem precipitados de experiência ou resultados finais de pensamento: são ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade. O segredo de sua força reside na força desses desejos. Como já sabemos, a impressão terrificante de desamparo na infância despertou a necessidade de proteção – de proteção através do amor –, a qual foi proporcionada pelo pai; o reconhecimento de que esse desamparo perdura através da vida tornou necessário aferrar-se à existência de um pai, dessa vez, porém, um pai mais poderoso.” (FREUD, 1927/1978, p. 51).

E continua o autor:

Ficou sendo então tarefa dos deuses nivelar os defeitos e os males da civilização, assistir os sofrimentos que os homens infligem uns aos outros em sua vida em conjunto e vigiar o cumprimento dos preceitos da civilização, a que os homens obedecem de modo tão imperfeito. Esses próprios preceitos foram creditados com uma origem divina; foram elevados além da sociedade humana e estendidos à natureza e ao universo. (FREUD, 1927/1978, p. 37)

Conforme Freud, caberiam às ideias religiosas reconciliar o homem com a vida e fazer este ser mais feliz com a realidade, porém foi feito o inverso: criou-se a imagem de um Deus que castiga e oprime, fixando a ideia de que a vida na terra é severa, que os pecadores serão castigados e que só por meio de uma vida servil aos mandamentos o indivíduo será aceito no reino dos céus.

Com esse medo constante o indivíduo não vivencia o conteúdo de sua própria vida, vivendo em função de um plano além do terrestre, trazendo outro conto para expressar essa figura de Deus que foi pincelada como um pai sem afetividade:

Deus não ri nunca? Na minha infância, toda igreja protestante tinha um quadro terrível, chamado Os dois caminhos. À direita, o caminho estreito, das abstenções e sacrifícios, que conduz ao céu: para ganhar o céu, após a morte, é preciso sofrer na terra, durante a vida. À esquerda, o caminho largo, cheio de prazeres, que conduz a um lago de fogo e enxofre. No alto desse cenário, resumo do mundo, flutuando no céu azul, o olho sem pálpebras de Deus, que tudo vê, indiferente e sem lágrimas. O olho de Deus não tem pálpebras porque nunca se fecha. Deus não dorme. É também um olho sem sorrisos. Os olhos, para sorrir, precisam de um rosto. Mas os olhos de Deus não estão num rosto. Estão dentro de um triângulo, figura geométrica perfeita. Deus é um teorema. Mantenho uma dessas gravuras emoldurada em rocós dourados pendurada numa parede. Para não me esquecer das coisas horríveis que os homens fazem com Deus. Deus não ri nunca? (ALVES, 2008, p. 182)

O autor nos traz questionamento a respeito do futuro da humanidade, se estava abandonando um grande aspecto que reprime a religião, passando a conhecer mais a

respeito das ciências e suas descobertas, “substituindo os efeitos da repressão pelos resultados da operação racional do intelecto” (FREUD, 1927/1978, p. 68).

Conclui-se que a humanidade passaria, com os conhecimentos científicos, a ter melhoria na educação e este novo homem se tornaria um adulto amadurecido e consciente dos divergentes fenômenos naturais e civilizatórios, distinguindo o real do ilusório.

Por fim, para o autor a religião seria uma ilusão ou neurose coletiva da humanidade e a ciência seria o remédio para curar esta neurose universal². O homem passaria a viver a realidade de uma forma benéfica com seus semelhantes:

O que acontece com a inteligência? Você não é bobo. Não acredita em qualquer coisa. Sabe distinguir o possível daquilo que é mentira. Eu lhe digo que no meu sítio há uma raça de gansos verdes de três pernas que botam ovos quadrados. Você não acredita. O seu filho lhe diz que no seu quarto há um elefante cor-de-rosa soprando bolinhas de sabão verdes. Você não acredita. Ou o menino está fazendo uma brincadeira ou ficou louco. A inteligência “testa” as ideias para saber se elas são dignas de crédito. Agora me explique: por que é que, quando se entra no campo da religião, as pessoas estão prontas a acreditar em qualquer coisa que outra pessoa lhes diz? Será que, para se ter sentimentos religiosos é preciso abandonar a inteligência (ALVES, 2008, p. 178)

2.2 DURKHEIM E O FATOR RELIGIÃO

Durkheim (1912) propõe em “As formas elementares da vida religiosa”: estudar uma determinada religião primitiva, desde que se encontre em um meio no qual sua organização seja tão simples que não exista outra sociedade que a ultrapasse e, que para a explicá-la, não seja preciso evocar qualquer elemento reminescente de uma religião que existiu antes.

O objetivo deste trabalho, fazendo uso das palavras do autor “é explicar uma realidade atual, próxima de nós, capaz portanto de afetar nossas ideias e nossos atos: essa realidade é o homem, e mais especial o homem de hoje” (DURKHEIM, 1989, pp. V-VI). O trabalho etnográfico, a partir do momento vivenciado dentro do campo, tem a princípio um olhar externo e carregado de vícios:

[...] se considera apenas a letra da formula, essas crenças e praticas religiosas parecem, as vezes, desconcertantes e podemos ser tentados a atribui-las a uma espécie de aberração intrínseca[...], as práticas realizadas durante todo o período, como mencionado, por exemplo no discurso do senso comum, nada mais são que atos bizarros e irracionais, de pessoas que deveriam ser tratadas como doentes mentais, uma vez que as mesmas não reconhecem que [...] debaixo do símbolo, é preciso saber atingir a realidade que ele figura e lhe dá sua significação verdadeira. Os ritos mais bárbaros ou os mais extravagantes, os mitos mais estranhos traduzem

² Nota-se o conteúdo do pensamento do autor, o objetivo não é trazer uma escala evolucionista de que a religião aliena, ilude e naturaliza e a ciência seria o remédio.

alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, seja individual ou social. (DURKHEIM, 1989, p. VII)

Quanto tomados pelo fogo do espírito santo, uma espécie de possessão — quando toda a igreja se inflamava no momento de pregação — a língua dos anjos se manifestava, seja pela boca da pastora ou no movimento dos corpos em uma dança (objetos presentes, como as cadeiras, ou mesmo o chão e as paredes não eram barreiras que impedissem a manifestação do Espírito Santo). O santo tomava a pessoa em sua completude.

A palavra do senhor, que estava sendo proferida pelo ministrante, transformava aquela hora em momento de glória: o corpo transbordava de sensações e emoções e a dança, as palmas e os gritos eram um sinal do quão intenso a presença de Deus estava sendo para aquela pessoa. Não existia o medo se de machucar caindo no chão, ou batendo com o corpo nos objetos e demais irmãos.

Aos olhos de quem está de fora, observa este contexto como se fosse uma loucura coletiva, pessoas se debatendo, gritando e falando a língua desconhecida dos anjos- aos que vivenciam e estão presentes existe uma série de significados e significações, ou uma “teia de significados”.

Quem recebe ou ajuda a cuidar de quem está recebendo, no caso o Espírito Santo, tem sentido coletivo. Não atinge apenas o indivíduo: tem reflexo no ambiente social local que, no caso, representa que a *comunidade* está presente e na presença de Deus, visto que quando um irmão está tomado pela graça, a igreja se enche de alegria.

Usando este exemplo de um olhar viciado que apenas observa a letra da formula, mas não se dá ao trabalho de se debruçar e ver o que está por baixo do símbolo exposto, trago uma das objeções do autor a respeito disto. São atribuídas às religiões parcelas distintas de veracidade, valores e dignidades, o que as distingue umas das outras.

Logicamente que se tem como colocar uma hierarquização, o autor relata. Contudo, devemos observar o contexto no qual Durkheim escreve sua obra, período fortemente influenciado pelos estudos evolucionistas.

Para Durkheim (1858-1917) todas as religiões são igualmente religiões, não há religião inferior.

No fundo, portanto não há religiões falsas. Todas são verdadeiras ao seu modo: todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condição dadas da existência humana. Certamente não é impossível, dispô-las segundo uma ordem hierárquica. Uma podem ser superiores a outras, no sentido de empregarem funções mentais mais elevadas, de serem mais ricas em ideias e em sentimentos, de nelas haver mais conceitos, menos sensações e imagens, e de sua sistematização ser mais

elaborada. Mas, por mais reais que sejam essa complexidade maior e essa mais alta idealidade, elas não são suficientes para classificar as religiões em gêneros separados. Todas são igualmente religiões. (Durkheim, 1989, p. VII)

Assim como a gigantesca gama de denominações e diferentes linhas de pensamentos, diferentes religiões têm por função expressar a natureza da vida religiosa, abarcando necessidades, cumprindo papéis estabelecidos e atendendo causas semelhantes. Em resumo, “podem servir muito bem para manifestar a natureza da vida religiosa” (DURKHEIM, 1989, p. VIII).

Durkheim diz que como todas são do mesmo gênero como mencionando anteriormente, todas são religiões, e as mesmas podem ser comparadas, residindo fundamentos que lhe são semelhantes, comparáveis. Estes aspectos comuns, estão além de seus caracteres exteriores visíveis semelhantes, destas semelhanças exteriores, existindo outras que são mais profundas.

Na base de todos os sistemas de crenças e de todos os cultos, deve necessariamente haver um certo número de representações fundamentais e de atitudes rituais, que apesar da diversidade de formas que tanto umas como outras puderam revestir, têm sempre a mesma significação objetiva e desempenham por toda parte as mesmas funções. São esses elementos permanentes que consistem no que há de eterno e de humano na religião. (DURKHEIM, 1989, p. X)

Conforme mencionado no início, a religião e o objeto de estudo que está presente dentro da religião se localizam em uma sociedade diferente da qual o autor está dialogando.

A sociedade objeto de estudo do autor e o meio pelo qual ele trabalha, se diferencia deste estudo, mas guarda algumas semelhanças, como a realização “de maneira regular, de uma uniformidade intelectual e moral” (DURKHEIM, 1989, p. XI). Difere-se em relação à extensão do grupo, uma maior individualidade em relação às diferentes denominações.

Outro elemento que se difere do método do autor são os pensamentos religiosos que, com o passar do tempo, são ativos mas não são visíveis, já que com o desenvolvimento da história as formas pelas quais os homens explicam seus atos foram elaboradas e estão obscurecidas por várias explicações racionais, ao passo que nas sociedades “primitivas” existem em formas ainda não “cozidas” pelo motor da história e, com isso, estes pensamentos religiosos ainda estão em um “estado cru”.

A religião é a primeira forma de pensamento filosófico e representação do mundo. Segundo Durkheim (1989, p. XV) não existe “religião que não seja uma cosmologia ao mesmo tempo que uma especulação sobre o divino”.

O autor menciona que se as ciências foram geradas pela religião, é porque esta última iniciou o processo de fazer ciência e filosofia e não ficou limitada a promover para o indivíduo certa quantidade de ideias para um “espírito humano já formado”, mas também constitui a formação deste espírito: “Os homens, não lhe devem apenas, em parte notável, a matéria de seus conhecimentos, mas igualmente a forma segundo a qual esses conhecimentos são elaborados” (DURKHEIM, 1989, p. XV)

Em outras palavras, as categorias do entendimento, que formam a ossatura da inteligência e não podem faltar para o espírito se organizar - como as categorias de tempo, gênero, espaço, numerais - são de fundo religioso “quando analisamos metodicamente as crenças religiosas primitivas, encontramos naturalmente em nosso caminho as principais dessa categoria. Elas nascem na religião e da religião, são um produto do pensamento religioso” (DURKHEIM 1989, p. XVI).

Ademais, continua o autor:

As representações coletivas são produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para criá-las, uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou, suas ideias e seus sentimento, longas series de gerações nelas acumularam sua experiência e seu saber. (DURKHEIM 1989, p. XVIII)

Uma intelectualidade mais particular e, em junção, a individual mais elevada em riqueza e complexidade. Pode-se entender que ao passo em que o indivíduo atua na sociedade, esta ultrapassa a si, bem como a ocasião em que pensa ou quando atua em tal sociedade.

[...] o homem é duplo. Há dois seres nele: um ser individual, que tem por sua base no organismo e cujo círculo de ações se acha, por isso mesmo, estreitamente limitado, e um ser social, que representa em nós a mais elevada realidade, na ordem intelectual e moral, que podemos conhecer pela observação, quero dizer a sociedade. (DURKHEIM, 1989, p. XVIII)

As categorias “exprimem as relações mais gerais que existem entre as coisas; ultrapassando em extensão todas as nossas outras noções, dominam todo detalhe de nossas vidas intelectuais” (DURKHEIM, 1989, p. XXIV).

Se conforme o desenrolar da história o homem “não se entendesse acerca das ideias essenciais”, como as noções de tempo, espaço, numerais, não se teria uma conformidade entre as sabedorias e, como resultado, seria impossível a vida em comunidade para fundamentar estas categorias, sendo estas construções sociais.

Para Durkheim cabe olharmos para outras culturas e ver como cada uma pensa, por suas próprias categorias e organização, de formas diferentes, não sendo as mesmas de caráter universal.

Durkheim (1989) pretende fazer uma operação preliminar com o objetivo de definir o que convém entender por religião por meios de alguns sinais exteriores, claros, que possibilitam conhecer as manifestações religiosas em qualquer lugar, para que não sejam confundidas.

Ainda neste sentido, a intenção de não acabar caindo no equívoco de se elencar um conjunto de condutas, costumes, que de religioso nada se tem, ou negligenciar elementos religiosos sem observar a sua real essência.

Porém, antes de se apresentar a definição, à luz da teoria de Durkheim, trilho um pouco do caminho percorrido pelo autor para orientar a libertação do espírito do olhar viciado mencionado anteriormente, ou de todas as ideias pré-concebidas, a respeito da definição do que pode vir a ser considerado ou não como pertencente do religioso.

[...] para ajudar o espírito a libertar-se dessas concepções usuais, que, por seu prestígio, podem impedi-lo de ver as coisas tais como são, convém, antes abordar a questão por nossa conta, examinar algumas das definições mais correntes nas quais esses preconceitos vieram a se exprimir. (DURKHEIM, 1989, p. V)

Para abordarmos conceitos, a certeza do que é considerável como religioso, o autor trabalha com alguns autores que estavam definindo estes mesmos conceitos. A primeira noção do que é caracterizado como preceito religioso é a ideia de sobrenatural, que seria:

toda ordem de coisas que ultrapassa o alcance de nosso entendimento; o sobrenatural é o mundo dos mistérios, do incognoscível, do incompreensível. A religião seria, portanto, uma espécie de especulação sobre tudo o que escapa à ciência e, de maneira mais geral ao pensamento claro” (DURKHEIM, 1989, p. V).

Então o autor desmistifica a associação do sobrenatural à religião, uma vez que esta noção se mostra na história das religiões e é um pouco tardia, sendo desconhecida das religiões primitivas ou sobre as quais ainda não se alcançou determinado nível de cultura intelectual. A concepção de sobrenatural, segundo o autor, é datada de ontem.

Para que se pudesse dizer de certos fatos que são sobrenaturais, era preciso já ter o entendimento de que existe uma ordem natural das coisas, ou seja, que os fenômenos do universo estão ligados entre si segundo relações necessárias chamadas leis. (DURKHEIM, 1989, p. 7)

Considerando isso, afirma-se que violando essas leis a vida seria postulada como fora da natureza e como resultado à própria razão. A noção de religioso está a longos passos de concordar com as noções de imprevisto e extraordinário, sendo esta primeira noção pertencente às religiões mais avançadas.

A segunda definição está associada à ideia de que se tentou definir por religião a noção de divindade:

“A religião, diz A. Réville, é a determinação da vida humana pelo sentimento de um vínculo que une o espírito humano ao espírito misterioso no qual reconhece a dominação sobre o mundo e sobre si mesmo, e ao qual ele quer sentir-se unido” (DURKHEIM, 1989, p. 11).

Durkheim alerta que se for levada ao pé da letra a definição de religião não será abarcada uma gama de fatores obviamente religiosos, como as almas dos mortos, por exemplo, que não são divindades. Então o autor usa o exemplo que fez Tylor, ao substituir a palavra “Deus” por “ser espiritual”:

[...] por seres espirituais, devemos entender sujeitos conscientes, dotados de poderes superiores aos que possui o comum dos homens; essa qualificação convém, portanto, às almas dos mortos, aos gênios, aos demônios, tanto quanto as divindades propriamente ditas[...] no que diz respeito à relação que se mantem, com estes seres, uma vez que são conscientes, então não se pode agir sobre os mesmos, a não ser por mecanismos psicológicos, usando a palavra para conversar, comover, oferecendo sacrifícios, oferendas, já que sem a presença humana, está figura, pelo fato das mesmas, necessitarem de oferendas e orações.

Contudo, o autor, nos adverte que, por mais claro que possa parecer a definição de divindade, existem fatos sobre os quais esta definição não se aplica, mas que estão em consideração ao campo da religião: “existem grandes religiões em que a ideia de deuses e espíritos está ausente, nas quais pelo menos, ela desempenha tão-só um papel secundário e apagado. É o caso do budismo” (Durkheim, 1989, p. 12)

A religião é compreendida como algo indivisível quando, na verdade, é uma somatória do todo composto por partes: “é um sistema mais ou menos complexo de mitos, de dogmas, de ritos, de cerimônias” (DURKHEIM, 1989, p. 18). O autor procura analisar os fenômenos elementares que a compõem ao invés de analisar todos em sua real unificação. Todas as religiões têm crenças e ritos particulares:

[...] os fenômenos religiosos classificam-se naturalmente em duas grandes categorias fundamentais: as crenças e os ritos. As primeiras são estado de opinião, consiste em representações; os segundos são modos de ação determinados. [...] Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam simples ou complexas apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais, ou ideais, que os homens, concebem,

em duas classes, em dois gêneros oposto, designados geralmente por dois termos que as palavras *profano* e *sagrado*. (DURKHEIM, 1989, p. 19)

As crenças dizem respeito a um consentimento subjetivo próprio do sagrado, de uma determinada religião, em relação aos seus poderes superiores. Já os ritos dizem respeito às maneiras de agir como prática moral e podem ser entendidos como o meio pelo qual o ser humano entra em contato com o sagrado ou o divino: através de uma relação de práticas simbólicas, orações, cânticos e até testemunhos.

Em dois mundos completamente distintos – o sagrado e o profano -, um se volta a tudo que é sagrado, “costumam ser consideradas como superiores em dignidade e em poderes as coisas profanas” (DURKHEIM, 1989, p. 20), isto é, as “coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem e isolam” (DURKHEIM, 1989, p. 24).

Assume-se, então, ao que seja sagrado a auréola de tudo que é perfeito, divino, dotado de poderes superior. Já o mundo do profano é o mundo concreto humano, inferior e banal, ou melhor, se refere ao homem.

Derivado disso, na medida em que certa quantidade de coisas consideradas sagradas se interrelacionam, coordenando-se e subordinando-se, geram com isso uma formação de uma unidade, que não esteja presente em qualquer outra configuração da mesma natureza: “o conjunto das crenças e ritos correspondentes constitui uma religião” (DURKHEIM 1989, p. 24)

Vale lembrar que, como na etnografia, na religião matéria desta pesquisa, os cultos não eram únicos, tinha-se uma certa autonomia, mas todos “os cultos são hierarquizados e subordinados a um culto predominante, no qual acabam inclusive por ser absorvido; mas ocorre também estarem simplesmente justapostos e confederados” (DURKHEIM, 1989, p. 25)

As manifestações religiosas, por estarem em uma situação de hierarquia e subordinação aos demais cultos, são um preparativo para o Domingo da Santa Ceia do Senhor. Desta forma, têm-se um percurso trilhado para que, quando chega o domingo, os membros estão limpos do pecado para partilhar do Corpo e Sangue de Cristo.

As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada, que declara aderir a elas e praticar os ritos que lhe são solidários. Tais crenças não são apenas admitidas, a título individual, por todos os membros dessa coletividade, mas são próprias do grupo e fazem sua unidade. Os indivíduos que compõem essa coletividade sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum. Uma sociedade cujos membros estão unidos por se representarem da mesma maneira o mundo sagrado e por traduzirem essa

representação comum em práticas idênticas, é isso a que chamamos uma igreja. (DURKHEIM, 1989, p. 28)

Fazendo contraposição ao pensamento de Freud, pode-se ler Durkheim e questionar se a religião não pode ser somente um delírio, uma ilusão, neurose, porque se assim for o mundo estaria todo doente. A religião tem que ter uma correlação com o mundo real e entende-se por mundo real a sociedade.

O fenômeno religioso, em sua forma elementar, é um elemento construído socialmente, forjado pelas mãos do próprio homem, coletivamente. Todas as religiões têm, em sua composição, um conjunto de crenças e ritos. A religião em si não pode ser entendida como tal sem a presença inseparável de noção de igreja.

Chegamos, pois à seguinte definição: uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem [...] a religião é uma coisa, eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas, os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos. Mas, então se as categorias são de origem religiosa, elas devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: também elas devem ser coisas sociais, produtos do pensamento coletivo. [...] (DURKHEIM, 1989, p. XVI-32)

3 UMA BREVE NOÇÃO A RESPEITO DO DIABO

A demonologia cristã acaba por ver no Diabo o protagonista de uma luta cósmica que remonta a um tempo anterior à criação e cuja continuação se projeta ao longo de toda a história.

Encontra-se, ao longo da história do pensamento cristão, em especial o cristianismo e suas influências, a presença do Diabo. Observa-se que no antigo testamento o demônio era apresentado como o opositor, o adversário, em síntese é o acusador. Já no novo testamento o demônio é apresentado de forma frequente com encontros pessoais. Contudo, o tihoso sempre se encontra em estado de derrota.

Este, de acordo com tradição cristã plasma na Idade Média, é espírito insinuator, de mil modos mascarado; ruidoso ou silencioso, está sempre atuante, nunca descansa; o orgulhoso e o ódio dominam a sua incansável atividade. É, de fato, nome e rosto da revolta de Deus- loucura extrema e suprema iniquidade-, cuja frieza nunca deixa de desconcertar. (NOGUEIRA, 2002, p.8)

Já no período medieval são múltiplas as formas de apresentá-lo, mas a iconografia descreve-o invariavelmente como portador de uma imensa monstruosidade. É uma representação, uma vez que o demônio não tem aspecto corpóreo e enquanto espírito é o homem que está submetido ao diabo por representar, conforme a época em que se está inserido, as manifestações do mal, que variam conforme a tabela de cores disponível.

Esta figura percorreu todo o período da história da humanidade e até hoje faz parte do cotidiano de muitas pessoas. Pode-se entender esses são aspectos que o “perseguem” por longo período. Demonstra-se a carência de se sistematizar o sentido do mal e a constância dos dilemas na vida.

Ou seja, se o demônio, em si, está além da História, a sua representação (pelo discurso, pela afetividade, pela iconografia) é sempre produto da História... Monstruoso ou atraente, é sempre aparente a forma escolhida e momentâneo o caráter adotado. De qualquer modo, de acordo com a mesma tradição, o demônio-anjo caído- é criatura maravilhosa na sua inteligência e vontade. (NOGUEIRA, 2002, p. 8)

Entende-se que esta entidade é designada de várias maneiras e representada por diversas palavras que não apresentam um único sentido: dependem do modo como são empregadas.

O demônio apresenta-se em diversas religiões, com origens históricas e significados díspares. Entretanto, é geralmente considerada inferior sua credibilidade subjetiva nos indivíduos que estão inseridos em determinados regimes religiosos. Pode-se acreditar ou não em sua existência, embora religiosos, em última instância, costumam acreditar em alguma natureza negativa, ou o mal em oposição ao bem.

O problema que está presente é a interferência que afeta diretamente a vida dos sujeitos, há milênios, especialmente os indivíduos presentes na comunidade, campo objeto deste estudo.

O demônio pode apresentar-se como discurso multívoco e acaba sempre por ser enriquecedor. Porque, para além da multiplicidade e da diversidade dos discursos demonológicos, e de suas complexas genealogias, para além da crença (maior ou menor) na real existência do(s) diabo (s), para além dos demônios concretos que cada tempo escolhe para com eles digladiar e se preocupar- são reais os problemas que ele(s) levanta(m). Porque são os problemas de fundo que afetam o homem na sua história. Ontem e hoje (NOGUEIRA, 2002, p.10).

Para se entender este personagem no pensamento ocidental é necessário voltar-se à tradição religiosa hebraica que é a gestora do cristianismo: “Este, como religião dominante na coletividade ocidental, reuniu, sistematizou e determinou a figura, as atitudes e a esfera de ação de nosso personagem. [...] os “demônios” existentes eram seres incorpóreos, destinados à execução da vontade de Deus, anjos-aggelos, como foram traduzidos em grego, isto é “anunciadores”(NOGUEIRA, 2002, p.16)

Assim a figura deste personagem se transforma de acusador no velho testamento e se personifica como entidade maligna no novo testamento.

Para evitar a confusão entre Deuses e essas divindades inferiores, Platão e sua escola reservarão o nome de Demônio (daimôn), palavra usada anteriormente para exprimir a ação divina em geral, distribuidora tanto dos bens quanto dos males. [...] O homem, não podendo chegar à ideia de um deus infinito e universal senão por uma noção vaga e incompleta, buscava os demônios, que lhe ofereciam a personalidade divina sob formas humanas. Constituíam os executantes da vontade divina, encarregados de velar sobre os mortais e levar a Deus as orações e pedidos (NOGUEIRA, 2002, p.21).

Neste período helenístico, veio uma ideia mais solidificada: o monoteísmo. Contudo, ainda estava vivo o politeísmo, no qual se tinha preservado toda as tradições mitológicas. Este universo neoplatônico era povoado por legiões de demônios, esta nova escola:

Num esforço de reconstruir a ordem moral do universo, estabelece uma hierarquia desses demônios, distinguindo-os em bons e maus, segundo os atributos anteriores

das divindades agora rebaixadas à condição de gêneros secundários, e adaptada a essa teologia helênica, misturada com ritos mágicos e orientais. (NOGUEIRA, 2002, p.22)

Com a origem do cristianismo, o universo se transforma e surge um processo extenso em que as tradições se enfrentam, com manifestação de seitas gnósticas, proliferação de heresias e a curiosidade ganha um bom espaço em relação às coisas suprasensíveis.

O estudo pormenorizado e sistemático a respeito dos demônios, ou seja, a demonologia que se forma nos textos apócrifos é resgatada, mas aqui se apresenta de uma forma um pouco modificada, metodizada no Novo Testamento.

Deus agora possui formidáveis adversários na pessoa de Satã e sua corte de demônios. Os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos, as Epístolas de Paulo e o livro do Apocalipse trazem abundantes alusões a essa luta formidável. Daqui por diante, Satã é o *grande adversário*, tendo por missão combater a religião que acaba de nascer e que será no futuro o Cristianismo; Satã é o inimigo implacável de Jesus e seus discípulos, tramando incessantemente a ruptura da fidelidade ao Senhor e pondo a perder os seus corpos e almas (NOGUEIRA, 2002, p. 25-26).

O mundo humano passa a ter uma divisão binária entre dois reinos o de Deus que diz respeito a *resplandecente de claridade e luz* uma vez que é reino de Deus e o outro é o reinado de Satã onde o universo é das trevas. Assim, pode-se entender que tudo que retira os homens do caminho de Deus é uma expressão do Diabo.

Imerso em um combate que data da Criação, Satã se esforça para impedir de todos os modos o alargamento do reino de Cristo, enquanto este, ao contrário, tem por missão destruir o reino do Mal (NOGUEIRA, 2002, p. 26).

Contudo, ao passo em que tinha este poderio sobre as pessoas, em contrapartida Satã tinha medidas que enfraqueciam o poder dos demônios e do próprio Satã, que eram os milagres de Cristo, voltados para curar os problemas do gênero.

A institucionalização da ideia de Satã e das legiões demoníacas é acompanhada pela concepção da doutrina cristã, com a presença de sua relevância no plano teológico. “Pouco a pouco, o Espírito do Mal, passa a integrar o dogma do homem, do pecado original e da redenção pela morte do Messias na Cruz”, história de Adão e Eva, retratara a função desempenhada por Satã no Pecado Original:

Satã o anjo caído, incorpora-se na serpente do Jardim do Éden, sendo a serpente um disfarce adotado pelo Diabo para levar a cabo a sua ação maligna. [...] Para iludir Eva, ele sobe aos muros do Paraíso e canta hinos celestiais como um anjo- uma vez que, ele próprio foi um dos arcanjos de Deus, mas havendo desobedecido às ordens

do Senhor e incitado outros anjos à desobediência, foi precipitado do Paraíso celeste (NOGUEIRA, 2002, p. 28)

A noção do homem e do Anjo Rebelde foi trazida por padres no decorrer dos séculos II e III, formalizada pela Igreja Grega e instalada na Igreja Latina. Desta forma, após século IV havia no imaginário coletivo, tanto oriental como ocidental, que a queda do homem estaria associada a um episódio histórico: por meio de uma revolta com os predicados de Deus uma tropa de anjos foi expulsa do reinado no céu.

Desprovidos dos conhecimentos necessários para compreender as leis que regem o Universo, os primeiros cristãos- da mesma maneira que anteriormente, os pagãos- faziam intervir, em todos os fenômenos da natureza, forças sobrenaturais. Segundo o seu caráter benéfico ou maléfico, os fenômenos naturais eram atribuídos ora ao equilíbrio divino guardado pelos anjos, ora à tentativa de subversão dessa ordem pelos demônios, crença que perdurou por toda a Idade Média (NOGUEIRA, 2002, p. 30-31).

A sua representação em pinturas não é tão comum até o século XII, quando as representações sobre o inferno e o juízo final tomam conta do imaginário dos fiéis e também das paredes das igrejas.

Inicialmente, ele é representado como uma figura com certa dignidade, como cabia à sua condição de anjo caído. Mas, logo após, devido aos esforços pedagógicos dos representantes da fé, passa a aparecer com uma frequência cada vez maior como um monstro repugnante, cuja deformidade evidencia sua corrupção espiritual[...] [...] As representações dos inimigos desenvolvem-se numa quase ilimitada variedade de formas grotescas e fantasmagóricas, uma vez que esses seres de pesadelo simbolizam um crime contra o Criador e, portanto, contra Sua Criação: a Natureza. (NOGUEIRA, 2002, p. 63)

3.1 O MAFARRICO NO CAMPO, SUA MANIFESTAÇÃO

Eis que aqui se apresenta o Diabo, de acordo com o que foi vivenciado em campo, entendendo-se que neste campo que o Diabo anda pelo mundo, não tem um lugar ou morada fixa e muito menos uma única face, segundo os discursos que ouvi no campo.

Por causa do Demônio existem tantas recorrências de fatalidades em todos os lugares do mundo: terremotos, assassinatos, prostituição, drogas. A nomenclatura do mal é a mais variada: cada irmão o chama de um nome diferente. Diabo, Serpente, Tinhoso, Maligno, Satanás, Tentador, Causador de Todos os Males, entre outros, são nomes atribuídos ao mal.

Em síntese, ele é universal, no sentido de ter desterritorializadas suas ações. Suas manifestações não reconhecem fronteiras e, por ser poliglota, fala todas as línguas existentes no planeta. O Diabo existe e para existir é preciso ter vida.

O Diabo poderia estar em qualquer coisa ou em qualquer pessoa. Portanto, tudo é suspeito e perigoso, uma vez que Satã e os seus demônios são os mestres do disfarce[...] [...] O Demônio podia aparecer como um homem galante, ou como uma bela mulher, incitando os mortais à luxúria; ou tentava agarrar o imprudente sob a forma de um padre, um mercador, ou um de seus vizinhos[...] [...] O diabo possuía também uma atração especial pelas conversas piedosas e argumentos teológicos... Ele e seus comandados conheciam todas as línguas e sempre falavam às suas prováveis vítimas em sua língua nativa. (NOGUEIRA, 2002, p. 61- 62)

O Diabo do campo,assemelha-se ao Demônio presente na obra “O Diabo no imaginário Cristão”, do professor Carlos Roberto Nogueira (2002).

O inimigo e miríades de demônios vagam por toda parte, tentando e corrompendo, explorando cada fraqueza e desejo. Quanto mais belo e doce fosse um aspecto da vida, sob a superfície, o Demônio sordidamente trabalha e espreitava, para agarrar o desavisado. Demônios entravam na mente dos homens e os deixavam loucos. Enxameavam como moscas em volta dos leitos de morte, na tentativa de tomar posse das almas dos moribundos. Todos os acontecimentos para os quais não havia explicação eram preferencialmente atribuídos a eles. (NOGUEIRA, 2002, p. 41- 42).

Lúcifer era um anjo de luz, regente no coral do céu, considerado como braço direito de Deus, que desejou ter um trono acima do Todo-Poderoso e pensou que, com isso, se tornaria maior que Deus. Vendo a maldade em seu coração Deus expulsou-o do céu, junto com a terça parte dos anjos que ficaram do lado de Lúcifer.

Como se fosse um jogo político, Lúcifer propôs um novo modelo de governo. Contudo, como este novo mundo é subordinado à figura de Deus, perdeu o seu lugar no paraíso, mas, antes disso, como Lúcifer havia conquistado um bom eleitorado que compartilhava do mesmo desejo dele, Deus os expulsou também.

E houve batalha no Céu; Miguel e seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o dragão e seus anjos; mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos Céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás, que engana a todo o mundo; ele foi precipitado na Terra, e seus anjos foram lançados com ele (APOCALIPSE 12:7-9).

Quando caiu na terra, todo esse novo eleitorado tornou-se um bando de Demônios. Tentação e aparição do Diabo se dão no livro de Genesis, como serpente para tentar Eva a comer o fruto proibido. A mulher anterior à Eva, antes de comer o fruto proibido, não sentia

dor para ter filhos e Deus se comunicava diretamente com eles. Os homens também se comunicavam com os animais. Deus, advertindo-os, disse-lhes que todos os frutos poderiam ser comidos, menos o fruto da macieira. Assim foi narrado:

A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que o senhor Deus tinha formado, ela disse á mulher: É verdade que Deus vos proibiu comer do fruto de toda a árvore do jardim? A mulher respondeu – lhe : Podemos comer dos frutos das arvores do jardim, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Vós não comereis dele, nem o tocareis, para que não morrais. – Oh, não! – tornou a serpente – vós não morrereis! Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal. A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e muito apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente. (Gênesis Cap. 3;1,6)

Como apresentado acima, o Diabo não tem uma face única, pois suas representações são múltiplas. Como o Diabo era um anjo sua beleza é divina, mas o contrário é válido, ou seja, o Diabo pode se manifestar no formato de doença também.

Sua ação se dá por meio de tentação, atormentando e tirando a paz das pessoas, e também por meio de incorporação, agindo no sentido que as pessoas façam mal a elas mesmas, por exemplo, com os vícios alcoolismo e tabagismo o demônio entra e domina a mente das pessoas, as tentando a cometer os mais íntimos desejos, as iludindo no sentido de que o desejo é do próprio indivíduo e não uma ação sorrateira do maligno.

Eles invadem os menores espaços da vida, sobretudo, se introduziram na alma dos indivíduos. Não são mais imaginados como criaturas maléficas provocadora de epidemia; eles são chamados a representar os desejos que cada cristão alimenta no fundo de seu coração sem se atrever a reconhecê-los como seus. (NOGUEIRA, 2002, p. 49)

A única forma de se livrar desta entidade é “Sujeita-vos, pois, a Deus; resisti ao diabo, e ele fugirá de vós”. (Tiago 4:7) Ou seja, é para resistirem, os membros desta comunidade à tentação do inimigo e seguir firme no progresso da fé, não desanimarem nem deprimirem-se com a primeira batalha perdida e não se entregarem facilmente, pois Deus sempre estará acompanhando seus fiéis, desde que se sujeitem, sejam obedientes às palavras e ensinamentos de Deus.

No Novo testamento o Diabo é assessorado por uma legião de demônios inferiores, que têm por função também tirarem a paz dos homens e, o principal, impedirem que coajam os homens a negarem Jesus. Ao mesmo tempo, os castigam com o sofrimento físico, e ao negarem Jesus estão negando ao paraíso, a Deus.

Uma das principais presenças desta entidade no campo diz respeito à sua atuação na vida dos membros desta comunidade, por exemplo, a questão da saúde, observando que esta manifestação em relação a saúde, pode vir a ser objeto de outros estudos futuros, seja do próprio indivíduo ou de algum membro da família.

A saúde aqui é o ponto fraco desta comunidade, em que o Diabo encontra campo farto para o seu deleite. A única forma de sair da vida de aflição é pela sujeição aos mandamentos do senhor. A doença, pois, tem duplo caráter.

A origem da doença pode ter fundo positivo, pois no final sua cura é uma provação de que se sujeitou à Deus, sentiu a real adoração e não entrou na armadilha do Diabo. Entende-se que a doença está associada a uma tentação maligna para desviar a pessoa do caminho de Deus. A segunda causa, pode ser entendida pela entrada da pessoa na porta larga: não quis sujeitar-se aos ensinamentos e mandamentos de Deus. Sendo assim, quando procurar a Igreja novamente irá pelo caminho da dor e não do amor.

Como mencionado, a única forma de se espantar esta entidade é por meio da constante adoração a Deus e, no campo, isso se dá por uma guerra contra o Diabo. Ela se encontra em todos os cultos, no qual sua presença é informada, seja por meio de um testemunho ou alguma enfermidade.

Então se tem uma exposição do Diabo, apresentando sua fraqueza e inferioridade na presença de Deus. Destarte, depois de muito se louvar e fazer presente a interseção do Espírito Santo, enchendo de luz cada membro no culto para com isso se fazer definitivo a saída do Diabo, da presença da Igreja e da vida da pessoa. O ciclo se repete toda semana.

As diversas formas de apresentação da figura do Maligno seguem uma tradição mais ou menos consciente: tanto o tentador como o instrumento de sua tentação e o cortejo de entidades inferiores que participam da esfera do mal, aparecem com caracteres burlescos, objetos de uma ridicularização, que mostrem sua inferioridade implícita frente a figuras revestidas de santidade. *O diabo faz medo e faz rir*, treme-se ao ver o Inimigo, mas também se vê Deus, será mais forte, e as consequências se tranquilizam. (NOGUEIRA, 2002, p. 45)

Desenvolveu-se uma representação do Diabo como força maligna e, por questões de pré-conceito religioso, se associou a significação desta entidade às práticas de religiões de matrizes africanas, associadas a forças negativas. A partir do século XX, igrejas neopentecostais e outros grupos cristãos que defendiam que estas religiões estavam fazendo práticas profanas em seus cultos, culminando em uma errônea associação da figura e função do Diabo com estas religiões.

Que dentro do próprio campo, foi vivenciado isto, quando uma determinada entidade maligna se apossa ou está operando sobre a vida de uma pessoa, a expulsão ou oração para a retirada da mesma da vida deste sujeito se dá por nomeá-la.

Por meio de seus nomes o enfraquece e este é obrigado a sair da vida do indivíduo, contudo, os nomes dados, são de entidades sagradas de outras religiões que ali são desrespeitadas, tratadas de forma pejorativas como a Pomba Gira, o Tranca Rua, Exu Caveirinha, entre outros.

Ecoa no senso comum, discursos carregados de ódio referentes a estas religiões, dizendo que estas nada mais são que causadoras de uma grande maldade que prejudica a vida de pessoas inocentes. Isto porque apresentam um ritual característico das religiões da Umbanda e Candomblé, a tão ofendida Macumba.

Exemplo bom da atuação desta entidade é Jô. Não existia na terra servo maior que Jô, “homem, temente, reto e desvia-se do mal”. Quando até seus filhos pecavam Jô sacrificava animais referentes aos números de seus filhos para limpar sua família do pecado.

Jô era o exemplo e o Satanás quis destruí-lo, indo até a presença de Deus acusar Jô, dizendo que o servo que o adora e que a ele é tão obediente, fazia-o porque Deus havia dado tudo de bom e melhor para ele, cercando-o de toda a riqueza. O Diabo desafiou Deus, e este tirou tudo de Jô em forma de provação e permitiu que o Diabo fizesse o que queria, menos tocar em sua alma.

Em um único dia veio um grande vento que matou todos os filhos; os bois e os jumentos os ladrões levaram; veio um fogo do céu que, caindo, queimou todas as plantações. Em um único dia Jô estava devastado e, com todo o sofrimento. Jô somente tinha que dar graças a Deus, dizendo que quando veio ao mundo nada tinha e quando fosse embora nada iria levar: tudo era do Senhor.

O Satã é, por conseguinte, a causa de todos os tormentos que são enviados ao servo de Deus, mas não tem ainda personalidade definida, como o demonstra junto ao seu nome a presença do artigo “o”- o Satan. Mas como a descrição dos tormentos de Jó coloca o grande problema do Mal e da dúvida, esse poema do sofrimento contribuirá para conferir a Satã a sua imortalidade. Gradualmente, Satã passa de acusador a tentador, tornando-se Diabo por excelência, em sua tradução grega *Diábolos*– isto é, aquele que leva a juízo, que rapidamente se transformará na entidade do Mal, no adversário de Deus. (NOGUEIRA, 2002, p. 16, 17)

A vida nesta comunidade é desenhada de dois modos. O primeiro desenho é o largo: este seria a morte eterna, enquanto o caminho mais estreito seria a vida eterna. Estes caminhos nada mais são do que ensinamentos de Deus para orientar os irmãos para as

consequências de quem seguem os desejos da carne e leva uma vida mundana, em recorrência do pecado e, com isso, o caminho largo vai dar em um lago de enxofre. Já o oposto, mesmo com os obstáculos das provações de Deus, leva para a eterna Glória.

Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; e porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem. (MATEUS 7.13-14).

No Juízo Final, todos serão julgados segundo a sua obra. Deus será o Juiz, aquele que irá bater o martelo final e decretar quem vai para o céu e para o inferno. Mas Jesus, seu filho, foi enviado à terra para ser nosso advogado, para passar as dificuldades que o ser humano passa. Ele veio para dar o direito à vida e à salvação.

Então, no momento do julgamento presidido por Deus, Jesus vai nos defender, dizendo “não pai, tende misericórdia destes homens, eu passei pelo que eles passaram, tudo que o homem viveu eu também vivi, eu sei de todas as dificuldades”. Jesus então, fará com que Deus tenha misericórdia da humanidade.

O Espírito Santo vai interceder também, pela humanidade. Jesus, sendo o advogado, vai promover mais chances de ir para o reino dos céus, uma vez que ele também foi homem, foi gerado no ventre de uma mulher, passou fome, foi perseguido.

Como foi carne, Jesus vivenciou o que os homens vivem. Jesus veio como homem e sua vinda significou um pagamento, ele estava pagando com o seu sangue todos os pecados para salvar a humanidade. Então, com o seu sangue a humanidade conseguiu o direito de salvação.

No dia do Juízo Final Jesus, sabendo de todos os desejos e medos humanos, com o conhecimento de causa na mão, irá clamar para o seu Pai que tenha piedade dos homens.

O diabo será o acusador, então a função do diabo, neste julgamento, será conseguir o maior número de almas para o inferno para com isso destruir os planos de Deus e mostrar que ele estava errado e o diabo certo sobre a sua criação o homem.

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança e sendo a sua maior obra prima o homem, o diabo está empenhado em destruir sua criatura perfeita. Uma vez que o diabo foi expulso dos céus e foi para a perdição, ele também não quer ir sozinho.

Vai chegar um tempo em que o Diabo vai ser destruído, por isso ele quer carregar muitas almas. Ele sabe que vai ser destruído, então ele quer de todas as maneiras diminuir

Deus, levando um número quantitativo significativo com ele, para Deus ver o número de traidores.

Entende-se, assim, a figura do Diabo e sua real função. É apresentada na opera do juízo final, na qual Deus será o maestro e o Diabo as cordas desafinadas. Está pronto o diabo para pôr toda a obra chão abaixo, mas o próprio Diabo no fundo sabe de sua inferioridade e que um dia seu fim chegará.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste texto foi embasada em três perspectivas: psicológica, sociologia e antropológica, dando maior ênfase a esta última, uma vez que esta pesquisa se originou por meio de um trabalho etnográfico.

O trabalho abarcou dois pontos de vistas distintos a respeito do tema desta monografia sobre religião: freudiana e durkheimiana. Sobre o campo feito numa Igreja Evangélica, fundamentou-se em dois renomados antropólogos: Geertz e Roy Wagner, para orientação ao procedimento de incursão a campo.

O resultado obtido e trazido foi de que o Demônio existe, de fato, naquela comunidade. Não sendo um mito ou um mero personagem folclórico. Ele é temido, respeitado e, quando está com poder sobre o indivíduo, quando este se encontra fora do caminho de Deus ou em estado de pecado é menosprezado ou ridiculizado frente aos poderes de Deus. Este agente age diretamente na vida dos indivíduos nesse campo, não dando-lhe tranquilidade, já que o inimigo não dorme.

O Demônio anda pelo mundo, ou seja, não tem um lugar fixo, se apresenta de todas as faces, pode ser a figura de um pastor de outra igreja tentando retirar do rebanho de outro pastor uma ovelha consagrada, na figura de uma vizinha fofqueira e também na tentação de um belo homem ou mulher.

Vive-se em um mundo permeado pela tecnologia, em que as informações são consumidas instantaneamente. De forma global, pode-se dizer que estamos em uma época da tecnologia, em que a ciência conquistou uma grande estima e que as informações chegam a um enorme número de pessoas.

Pensando no sentido de todas as atitudes humanas e manifestações da natureza terem uma explicação lógica de funcionamento, ou seja, decompostas, analisadas e apresentadas à

luz dos conhecimentos científicos para a sociedade, observa-se que hoje em dia as fronteiras, não são mais uma barreira para a comunicação entre culturas distintas e distantes.

O conteúdo deste trabalho, em si, traz um bom questionamento em relação a tudo que foi dito, como em meio à época da razão a figura do Demônio, que ainda ocupa um significativo espaço na vida dos indivíduos e, em especial, no campo de estudo de uma comunidade evangélica.

E este trabalho mostra a real existência do Demônio para estas pessoas, que mesmo frente ao conhecimento científico, procuram em uma explicação mais rápida e simples, respostas, para seus medos, fracassos, angustias, frustrações, entre outros, atribuindo as responsabilidades do fracasso ou infortúnio, a esta entidade.

Os resultados demonstram que a figura do Demônio tem a capacidade de disciplinar corpos, sociabilizar sujeitos e conferir significado a vida.

Nesta sociedade a qual está comunidade está inserida, por conta de grandes processos históricos particulares do país como a colonização portuguesa, se instalou um regime religioso no país que perdurou durante um longo período e ainda estatisticamente cobre uma grande parcela da população: o cristianismo, em especial o catolicismo.

O regime moral é um fator predominante, que se manifesta nos valores que, em grande maioria, são norteados por preceitos religiosos e, por conta disso, se tem uma sociedade que tem por base a religião como fundadora dos valores. O Diabo, este agente que se manifestou no campo, é compreendido como uma entidade maligna que se opõe à figura de Deus e age diretamente na vida desta comunidade.

Contudo, ainda que este sentido sendo muito difundido, se têm a manifestação desta entidade para além das convenções religiosas.

À guisa de conclusão, observa-se que este objeto e seu campo podem vir a ser analisados e explorados por diferentes direções, podendo atingir até outras conclusões. Assim como o meio social se transforma, os discursos no campo também acompanham a evolução do debate, fora dele.

Então se chega ao final deste trabalho e pesquisa, porém não ao final a manifestação desta entidade, e também as práticas observadas na etnografia. Como dito, tudo se transforma, assim como o conhecimento. Deste modo, o que é hoje estudado e apresentado neste trabalho. Futuramente pode ser invertida a lógica e estar tudo diferente, mas estará aqui, inscrito e incluído no registo sobre aquilo que o homem disse.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.
- BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.
- DURKHEIM, Émile. **as formas elementares de vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução. Pereira Neto; revisão José Joaquim. São Paulo: Paulinas, 1989.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. São Paulo: ed. Nova Fronteira, 2002. ISBN 978-85-240-4074-0.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão** (Coleção “Os Pensadores” vol. Freud). Tradução de José Otávio de Aguiar Abreu. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, São Paulo 1978.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução: Ronaldo Cataldo Costa; revisão técnica: Fernando Coutinho Cotanda. 6. ed. Porto Alegre: ed. Penso, 2012.
- IBGE. **Cidades Mato Grosso do Sul Paranaíba**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=500630&search=matogrosso-do-sul|paranaiba>> Acesso em: 20 ago. 2017.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia. 2. ed. São Paulo: Abril cultural, 1978.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- WAGNER, Roy – (Cap.1 – “A presunção da cultura”) In: _____. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010